

Corredores de desenvolvimento como impulsionadores da agricultura de pequena escala

- O desenvolvimento da zona rural é um dos desafios mais significativos que Moçambique tem enfrentado nos últimos anos, principalmente associado à pobreza e à segurança alimentar que é mais gritante na região rural. Grande parte da população moçambicana depende da agricultura de subsistência e de pequena escala para o seu sustento. Entretanto, persistem enormes dificuldades para os pequenos agricultores acederem aos mercados, infra-estruturas básicas e recursos técnicos para melhorar as suas práticas agrícolas.



Créditos: Folha de Maputo/CFM

Os corredores de desenvolvimento têm sido identificados como uma oportunidade importante para promover o crescimento económico e melhorar as condições de vida das comunidades rurais. No passado, os corredores foram muitas vezes associados a po-

líticas extractivas que serviam de canais para os recursos naturais e os produtos agrícolas saíam dos países. Mas o conceito foi-se desenvolvendo e hoje os corredores também são considerados como instrumentos de desenvolvimento agrícola que permitem o acesso dos agricultores aos



Créditos: Diário Económico

“

Os corredores de desenvolvimento constituíram e ainda constituem meios que impulsionam o crescimento da economia e o desenvolvimento social do país, principalmente da região onde estes se encontram. Temos de compreender que os corredores de desenvolvimento constituem uma oportunidade para construção de uma economia diversa ao longo destes, que pode ser muito bem aproveitada.

”

mercados e aos factores de produção, ligando diferentes polos de produção e consumo dentro e fora do País.¹

É dentro deste contexto que surge a campanha de engajamento de *stakeholders* em um movimento que visa fazer com que os corredores beneficiem a todos, tanto aos pequenos agricultores assim como às grandes empresas. Isso passa por assegurar oportunidades para os pequenos agri-

cultores e colocá-los no centro destes debates e investimentos.

Esta iniciativa é implementada pelo Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD), em parceria com a OXFAM Moçambique e NANA, e com o apoio do Governo do Reino dos Países Baixos, no âmbito do projecto Power of Voices Fair for All implementado com o objectivo de habilitar cadeias de valor agrícolas pró-pobre.

“Para que a agricultura realmente beneficie dos corredores de desenvolvimento, é fundamental conectar os polos de produção aos polos de consumo”

Constantino Marrengula (Pesquisador da UEM)

Na sua intervenção, o Dr. Marrengula começou por apresentarr o contexto dos corredores de desenvolvimento em Moçambique, o seu papel, principalmente na época colonial e nos primeiros anos pós-independência, naturalmente destacando a sua importância para o crescimento da economia.

“Os corredores de desenvolvimento constituíram e ainda constituem meios que impulsionam o crescimento da economia e o desenvolvimento social do país, principalmente da região onde estes se encontram. Temos de compreender que os corredores de desenvolvimento constituem uma oportunidade para construção de uma economia diversa ao longo destes, que pode ser muito bem aproveitada”, ressaltou Marrengula.

Contudo, referiu ter muitas dificuldades em fazer uma ligação entre os corredores de desenvolvimento e a agricultura de pequena escala, na perspectiva da actual política agrária em Moçambique, “se existe”.

“A estrutura da nossa agricultura pouco facilita para que seja possível tirar proveito destas oportunidades. Temos uma agricultura com produtores totalmente dispersos, o que tem consistentemente colocado os agricultores de pequena escala em desvantagem em relação aos produtores de média e grande escala”.



Marrengula ainda defendeu que, apesar dos pequenos agricultores serem a maioria², não só estão em desvantagens na área da sua produção, na quantidade produzida e na falta de insumos melhorados; também não têm capacidade de influenciar o curso das políticas públicas, o que deteriora mais ainda a sua situação.

As circunstâncias em que os agricultores se encontram em Moçambique (baixa tecnologia, falta

¹ CDD: “PROMOVENDO A AGRICULTURA DE PEQUENA ESCALA ATRAVÉS DOS CORREDORES DE DESENVOLVIMENTO EM MOÇAMBIQUE”- CAMPANHA DE ENGAJAMENTO (2023)

² O Inquérito Agrário Integrado (IAI 2020) indica que existem no país cerca de 4.3 milhões de explorações agro-pecuárias, das quais 4.167.702 (97.8%) são pequenas, 93.183 (2%) são médias e 873 (<1%) são grandes explorações.

de serviços de extensão, acesso limitado aos mercados, baixo conhecimento, assimetria de informação, seja sobre os preços ou mesmo sobre os mercados, e falta de um sistema de apoio público etc) remetem a nossa agricultura a uma condição crónica de improdutividade e a uma produção voltada para a subsistência. Associado a isso, os problemas de exposição a mudanças climáticas remetem a dizer que os agricultores não têm condições de se integrarem nos corredores de desenvolvimento, que é o mercado mais exigente em termos de quantidade³ e qualidade mais certificadas.

Como os pequenos agricultores podem tirar proveito dos corredores de desenvolvimento?

Para esta pergunta, Marrengula sugere dois (2) aspectos, que no seu entender são essenciais para a melhoria dos pequenos agricultores através dos corredores de desenvolvimento:

1. **“Investimento Forte na Agricultura:** o sector precisa de um forte investimento, principalmente em áreas estruturais, como é o caso de estradas, desde primárias, passando por secundárias até terciárias, precisa investir na tecnologia, conhecimento com técnicas melhoradas”. Os agricultores precisam ainda de flexibilidade no sistema de incentivos, sem muita burocracia quanto acontece actualmente⁴.” Marrengula ainda destacou soluções sobre as mudanças climáticas. No seu entender, a resolução do problema passa exactamente por criar um seguro no sector agrícola.
2. **Reorganizar a estrutura de produção do sector familiar:** na actual situação, de forma dispersa e “em uma desorganização organizada”, é extremamente difícil estruturar um sistema de apoio que funcione. Assim, os agricultores devem organizar-se em grupos, talvez mesmo em um sistema de cooperativa moderna que facilite o rastreio dos desafios e das possíveis soluções de forma colectiva. Esta cooperativização pode ser feita por um sistema de incentivos, principalmente fiscais,

onde o governo reduz o custo de impostos para as associações e cooperativas, isso incentivará os agricultores a adoptarem este modelo. Seria um modelo eficaz também para os serviços de extensão e de financiamento para os pequenos agricultores, defendeu Marrengula.

Essas medidas de forma integrada fornecem aos agricultores uma produção mais em escala e com uma boa qualidade, dando, assim, possibilidade de os agricultores se integrarem em mercados mais segmentados e estruturados. Marrengula finalizou acrescentando que a cadeia de valor de natureza comercial poderia ajudar no aumento de rendimento das famílias.

“

“A estrutura da nossa agricultura pouco facilita para que seja possível tirar proveito destas oportunidades. Temos uma agricultura com produtores totalmente dispersos, o que tem consistentemente colocado os agricultores de pequena escala em desvantagem em relação aos produtores de média e grande escala”.

”

³ Produção em escala.

⁴ O SUSTENTA e outros projectos da agricultura não são para o sector família. Os financiamentos não chegam ao pequeno produtor.

“Urbanização Rural como mecanismo para tirar proveitos dos Corredores de Desenvolvimento”

Guemo Lino Pedro Domingos

Na sequência, a retórica do debate passou pela resolução dos problemas actuais da agricultura, priorizando a sua organização para melhor influenciar as políticas públicas e também para facilidade de apoio por parte do governo em projectos de fomento. O engenheiro Guemo Lino defendeu que uma das formas mais viáveis de organizar os pequenos agricultores de modo que estes tirem proveito dos corredores de desenvolvimento era através de uma aposta séria na urbanização rural, criando zonas de produção e zonas de habitação. No seu entender, esta acção facilitaria os serviços de extensão, que hoje são escassos, por vezes até inexistentes, para todos os produtores.

“É quase impossível prestar serviços de extensão agrária e outros tipos de apoio e fomento à agricultura, mesmo a situação de financiamento, que muito se discute nos últimos dias, é impossível garantir-se para todos, enquanto os agricultores estiverem desorganizados e totalmente dispersos, como se encontram hoje. Há necessidade de se urbanizar o sector rural”, ressalta Lino na sua intervenção.

Lino ainda equaciona a possibilidade de se avançar pela cooperativização, aliás, até busca exemplos de associações e cooperativas que conseguiram desenvolver-se e estão a gerar resultados na província de Nampula. Na sua visão, estes casos devem ser replicados, apesar de serem situações quase incipientes.

“Os agricultores de pequena escala devem estar mais organizados em cooperativa, pois isso ajudará a que tenham uma certa força na discussão dos preços junto dos consumidores, principalmente em grande escala. Ainda esta organização ajudará na criação de condições logísticas, pois o escoamento será mais fácil. Assistimos uma situação muito triste em Nampula em que os produtores produziram bastante na época de 2017, contudo, estes não conseguiram colocar todos os seus produtos no mercado, o que fez com que na época os preços estivessem muito abaixo do seu custo de produção, tornando-se um grande desincentivo à produção”, disse Lino.

“Não há desenvolvimento da agricultura enquanto não houver investimento no conhecimento! Não basta haver investimento em tecnologias e insumos de qualidade, deve haver quem os interprete.” - Guemo Lino

O engenheiro Lino termina admitindo a relevância



dos corredores de desenvolvimento, dando exemplo do Corredor de Nacala, mas fazendo críticas à falta de vias de acesso para se chegar a estes corredores. “Não basta ter corredores de desenvolvimento ligando vários polos de consumo, deve haver estradas secundárias e terciárias que alimentem esses corredores com grande flexibilidade”. Ele ainda exige políticas mais integradas, tendo como seu centro de análise o pequeno agricultor, de modo que este se sinta parte destes projectos.

“

Não há desenvolvimento da agricultura enquanto não houver investimento no conhecimento! Não basta haver investimento em tecnologias e insumos de qualidade, deve haver quem os interprete

”

“As cooperativas são no momento o único modo dos produtores de pequena escala tirarem proveito dos corredores de desenvolvimento através da produção em escala”

Jan de Moor

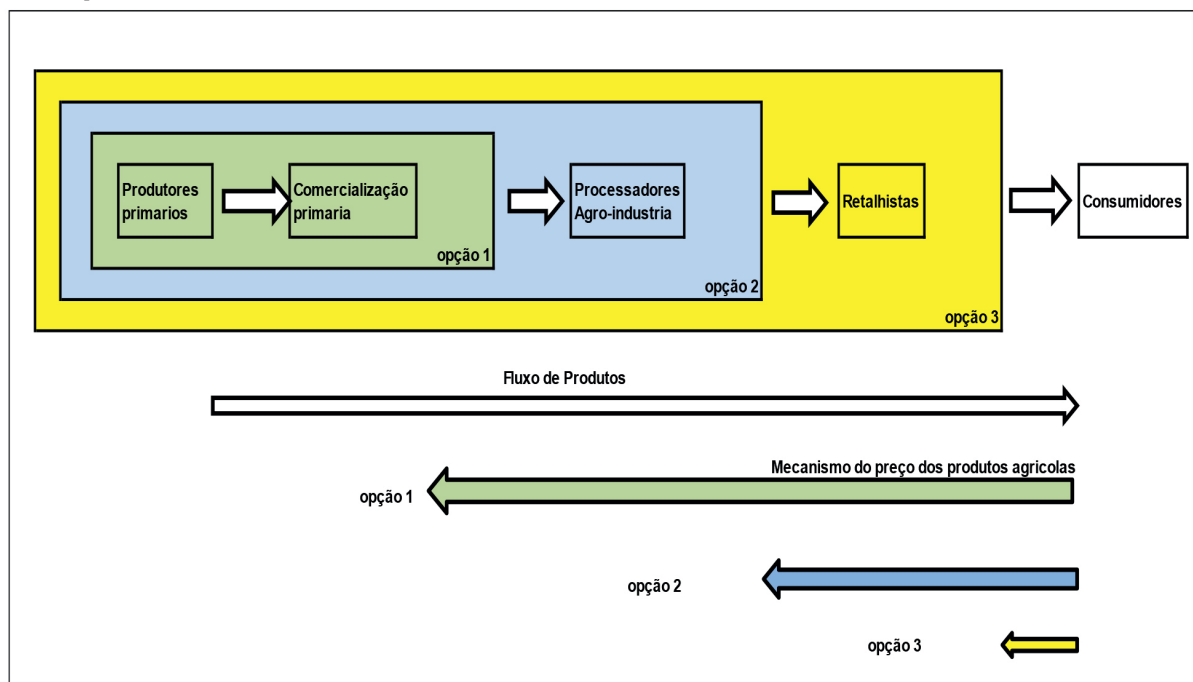
Jan de Moor começa por fazer a apresentação dos principais constrangimentos com que os agricultores de pequena escala se deparam no dia-a-dia, usando a referência da província da Zambézia, local de implementação do projecto Power of Voices Fair for All. Dentre vários destaca 3 pontos: 1. Certeza quanto ao uso da terra; 2. Segurança na venda de produtos agrícolas a bons preços; 3. Recursos financeiros para aumentar a produção. Moor não se limita a apresentar os desafios, mas também traz soluções. Defende a delimitação e registo formal de terras comunitárias, desenvolvendo planos para o uso comunitário da terra e dos recursos naturais, tais como água, florestas e minerais. No que diz respeito a este último, terá de ser feita uma ligação entre os quadros jurídicos do uso da terra e da exploração de matérias-primas.

“Para melhor adequação da estratégia, dada a localização geográfica dos agricultores, a separação entre as comunidades e os interesses partilhados nas diversas cadeias de valor, e a formação de coo-



operativas de comercialização tornam-se uma solução extremamente viável”, defendeu Moor na sua eloquente intervenção.

Cooperativismo na cadeia de valor



Fonte: Jan de Moor (2023)

“Nas actuais condições, o pequeno agricultor, na prática, paga por toda a ineficiência na cadeia de fornecimento e/ou lucro excessivo tirado pelos actores na cadeia” - Jan de Moor

Assim, em forma de correcção, a cooperativa de comercialização agrícola teria dois (2) objectivos muito simples: 1. Comprar e vender os produtos dos membros a um preço mais alto e 2. Fornecer aos membros insumos (inclusivo lavouras) a um preço mais baixo.

Quanto ao financiamento, Moor propõe que, com base nas cooperativas de comercialização, se crie a nível provincial um banco de empréstimo e poupança aos agricultores. O banco deve ter capacidade para conceder pequenos empréstimos, por exemplo, para financiar as sachtas das culturas. Proposta efusivamente concordada por Marrenghula que acrescenta que essas acções de grupos de poupança já são práticas comuns nas comunidades, manifestando-se através dos famosos “xiti-ques”, apenas o governo precisa institucionalizar, desde que esse processo não implique a entrada de muita burocracia.

Do debate, 2 pontos foram unânimes: primeiro, a importância dos corredores de desenvolvimento para o crescimento da economia e a oportunidade que estes representam para impulsionar a agricultura, no geral, e a de pequena escala, em particu-

“

Nas actuais condições, o pequeno agricultor, na prática, paga por toda a ineficiência na cadeia de fornecimento e/ou lucro excessivo tirado pelos actores na cadeia

”

lar; segundo, a necessidade e a urgência de organizar os pequenos agricultores em associações, em cooperativas modernas ou mesmo através de zonas de produção para maior facilidade de apoio por parte do governo, mas também para o aumento do poder de barganha destes em sede de discussão dos mercados e na sua influência para políticas públicas.



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.


Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beúla
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

